

Escrita Criativa

TEXTOS INTEGRAIS VENCEDORES | SECUNDÁRIO

POESIA:

Príncipe sereno _____ 2

A borda do destino _____ 3

Alma perdida _____ 4

PROSA:

A floresta encantada _____ 5

Liberta-me da concha _____ 6

Casa em ruínas _____ 7



Escrita Criativa

Príncipe sereno

Mar impetuoso, carregado de ilusão,
Que guardas tu em tuas vagas tentadoras?
Que segredos escondes nessa tua louca imensidão?
Quantos seduziste com intenções impostoras?

E os tesouros que aprisionaste nessas correntezas?
E o mundo onírico que ocultas em tuas profundezas?
E as tempestades que abrigas no teu âmago colérico?
E as ondas com que varres este mundo quimérico?

Naus infindas que carregaste com bonomia,
Enseadas tantas em que te verteste, pacato,
Abismos quantos mergulhaste, em euforia,
Deslumbrantes terras que esculpiste, ousado.

Ai, olhos com que te sorve o devaneante poeta
Como se fosses príncipe e soberano, quiçá profeta.
Tu ficaste com tudo; viste eras e glórias sem fim...
E, como te invejo, e, como queria isso para mim.

Cheiras-me a lembrança, doce mar,
Lembrança daquele tempo que teima em não voltar...
Sabes-me a saudade, mar sereno,
De quem os Deuses deviam ter feito eterno.

Margarida Faria | EBS Padre Manuel Álvares



Escrita Criativa

A borda do destino

Quantas vezes pensámos em fugir,
Não tecer o destino,
Largar a agulha e partir?
Quantas vezes queríamos dar a distância
De tudo o que está perto e nos passa a afligir?
Amigos, que eram de infância,
Com os olhos de quem se cansa
De tanto sorrir.
Não é por bordarmos a cara
Que acontece mudarmos o que estamos a sentir.
E, eu, que não sou Bandarra,
Estou, aqui, com garra.
Não vais desistir de tudo o que queremos, mas nunca encontramos?
De tudo o que tecemos, mas nunca bordamos?
Todas as grandes coisas que, ora, perdemos
Para as grandes coisas que agora ligamos.
Tudo!... Não culpes na Moira
Que, a coitada, já tece há uns anos...
Tu, larga esse espírito que te agoira,
que, com a nossa agulha, a vida traçamos.

Tomé Santos | EBS/PE da Calheta



Escrita Criativa

Alma perdida

As janelas estão bambas
O telhado já cedeu,
Quem diria que nesta casa,
Um dia a felicidade irrompeu

Hoje ela está morta,
Tão vaga como a vida
É casa que suporta
A infância perdida

Agora, és a lembrança que me atormenta
Da criança que um dia fui,
Agora, sinto-me vazio
Nesta vida, que apenas flui.

Inês Pinto | EBS de Santa Cruz



Escrita Criativa

A floresta encantada

Nesta floresta, eu cresci. Neste sítio, eu aprendi a errar e a amar. É como uma casa para mim e todos estes ramos e os vários tons de verde fazem parte da minha personalidade e da minha história.

Nos meus primeiros anos de vida, estas árvores sempre me aconchegaram. Fui rodeada pelo arco-íris de flores e aprendi a diferenciar a cor de uma rosa da cor de uma margarida. Também foi nestes troncos largos, onde me segurei, logo depois de cair, e, onde adormeci nos braços da minha mãe.

Fui crescendo e numa criança animada me tornei, guardando memórias que consigo descrever tão bem como a palma da minha mão. Nesta fase, recordo-me de considerar este belo bosque o meu abrigo. Passava tardes de verão a brincar com as folhas verdes, enquanto ouvia o som dos pássaros que traziam melodias de encantar.

Lembro-me de ficar mais alta e um pouco mais madura. Sabia que já não tinha a mesma luz e alegria de criança, mas continuava a achar o meu brilho algo muito especial. Esta foi definitivamente uma idade em que me descobri a mim mesma, comparando-me com folhas, em tons de amarelo e laranja, que teimavam em cair das minhas adoradas árvores.

E o frio chegou, obrigando-me a sair do sítio a que estou habituada e a ir para onde tudo é novo. Reparo que ser adulta já não é tão simples como parecia quando era apenas uma criança. Tento olhar para os tons de branco que cobrem este cantinho mágico do mundo e percebo que a vida tem um ciclo, complicado, mas magnífico.

Concluo, então, que vários capítulos da minha história já acabaram e as estações já passaram. Anseio pela primavera, que me irá trazer o amor e o verão, que me relembrará da alegria e pureza de ser uma menina inocente. A minha história continua e as estações prosseguem com o seu ciclo, onde a cada dia descubro um ramo, uma folha ou até mesmo uma pétala nova. É a isso que se resume a vida e é isso a que se resumem as estações da minha floresta encantada.

Vanessa Martins | EBS/PE da Calheta



Escrita Criativa

Liberta-me da concha

Estou numa praia. Areia escura, ondas perspicazes e brincalhonas, vento calmo. Não oiço ninguém, só o mar a bater na minha casota dourada, ecoando por todos os pequenos cantos esculpido. Encontro-me preso numa concha! Lamentavelmente, ainda ninguém teve a ousadia de me apanhar e espreitar cá para dentro, talvez porque eu seja invulgar, irreconhecível aos pequenos olhos do ser humano...

Não tenho aparência, não tenho forma, nem corpo. Enfim, sou invisível e submeto-me à tranquila vida no interior desta concha. Todavia, posso afirmar que sou enorme e cativante para as almas humanas. Todos me procuram impacientemente, mas nem sequer se atrevem a imaginar que eu, na verdade, habito num búzio. Talvez fui aqui parar devido aos radiantes dias, em que consideravam esta concha um símbolo do meu ser. Foi por isso que me perdi aqui dentro, culpa de dois humanos ingénuos e enfeitiçados pela minha magia.

Sim, tenho magia, porque sou feiticeiro. Também sou traidor, sou uma ilusão, sou a morte. Tenho o poder de me transformar em qualquer coisa, pois sou abstrato, não tenho feitiço.

Permaneço sossegado ao som das ondas. O mar continua a reclamar o ruído do meu monólogo, mas eu só quero sair daqui, quero cumprimentar este mundo confuso e injusto. Porque, eu, espécie mais desejada, quero infetar esta honrada humanidade. Porque, eu, sou o Amor.

Vera Borges | EBS Prof. Dr. Francisco Freitas Branco

Escrita Criativa

Casa em ruínas

Já abraçada pela Natureza, existe uma pequena casa em ruínas, pela qual todos passam e olham, mas não a veem realmente. Não se perguntam a quem pertence ou que gerações passaram por lá, o que aquelas paredes terão ouvido. Nenhuma alma no mundo sabe a história daquela casa, mas o que se conta é que, naquele lar, viveu uma simples família unida e feliz, pelo menos no início. Lá, terão crescido três irmãos muito diferentes criados por uma mãe dedicada. Do pai nunca se ouviu falar. O irmão mais velho ansiava por seguir os estudos e todas as conversas que tinha com os membros da família o enfadavam. Considerava-os incultos e ignorantes. O do meio era o rebelde: desprezava a escola e nada lhe interessava. Não tinha qualquer objetivo no futuro, pois foi encharcado de mimos. Finalmente, o último irmão era um rapaz simples, mimado, mas não tanto, que não sabia que irmão seguir. Os mesmos foram chegados na infância, porém, para decepção da mãe, distanciaram-se ao crescer.

A mãe tinha a cara magra e enrugada, mas uns olhos doces. A sua maior paixão eram os seus três filhos e amava-os todos por igual, apesar das suas diferenças. Trabalhava quase todo o dia para sustentar a família e poder dar um bom futuro a cada um deles. O tempo que lhe restava era para cuidar da sua querida casa, outrora, impecável. Era a única que dava o merecido valor ao seu lar e demorava-se a limpar as fotografias nas paredes ou a reparar nas alturas dos seus filhos, ao longo dos anos, marcadas na ombreira da porta. Para adormecer, imaginava que o tempo era, na verdade, uma ilusão. Acreditava que os seus rapazes estariam com ela eternamente e que a casa estaria sempre cheia de vida. Apercebeu-se da verdade pouco depois.

O seu primeiro desgosto foi a partida do seu primeiro filho para estudar no estrangeiro. Este prometeu voltar quando concluísse os estudos, todavia, passados tantos anos, a pobre mulher continuava à espera. O seu filho mais novo saiu de casa, logo a seguir ao irmão mais velho, encontrou trabalho, casou e lá ficou. O do meio perdeu-se, por completo, raramente estava em casa, até que um dia desapareceu e nunca mais se soube dele.

A velha, sozinha naquela pequena casa, que agora parecia demasiado grande e oca, relembra as memórias intemporais, o seu único consolo. E assim, o pó começou a aparecer e a espera continuou. Quando a alma desta se desvaneceu, a casa ficou ao abandono e apenas sustentada pelas recordações que lá vivem. Talvez, o espírito da velha senhora ainda esteja à espera dos seus homenzinhos. Diz-se que, apesar de estar em ruínas, ainda se conseguem notar as marcações das alturas na ombreira da porta.

Leonor Spínola | EBS de Santa Cruz

